

## PREFÁCIO

Desvanecido pelo convite para prefaciар um livro do meu confrade, logo acedi. Além do impulso fraterno, a aceitação escora-se em três razões, referentes à pessoa, ao sítio e ao modo.

Razão primeira foi certamente a familiaridade com o autor que conhecera há uns anos no plenário electivo da Academia das Ciências com o intuito de melhorar o funcionamento da instituição. Engenheiro como meu sogro, da geração de meu pai, desarmou-me o exórdio da sua intervenção reformista: "sou hidráulico e espero não meter água!"

Depois, o sítio que não podia ser mais convidativo: à saída da missa dominical na capela da Casa de Retiro Santo Inácio no alto da Praia Grande, dito Rodízio, onde durante tantos anos ouvira o padre Burguete. Citando o que escrevi no livro de homenagem aos setenta anos do grande lutador: "No mar da sua palavra, confluem três correntes que nos levarão para casa do Pai. A primeira corrente, a paciência, corre sem se ver. A segunda, corrente de um rio sempre a ir, é o saber, e à terceira, talvez a mais poderosa, chamo humildade".

Razão determinante foi o modo delicado como interpelou a minha formação económica, adivinhando um interesse pela evolução e pelos fundamentos económicos da doutrina social da Igreja. Jungindo a encíclica *Centesimus Annus* ao *Povo nascido do Evangelho: Chiara Lubich e os Focolares* (cuja tradução portuguesa apresentara na Universidade Católica em 15 de Novembro de 2004) aventei que, tal como na interacção entre unidade e proximidade operam os princípios petrino e mariano, na diversidade nacional concorrem princípios de bom governo essenciais ao desenvolvimento sustentado. Em 5 de Maio de 2005, por ocasião da oportuna homenagem da Associação Cristã de Empresários e Gestores a João Paulo II, recordei como Chiara resume a espiritualidade da unidade através da frase *Omnia vincit Amor*, que é um futuro melhor para cada homem. Para o homem concreto, a solidariedade deve ter resultados mas a necessidade de eficiência parece desesperante.

Ainda no entroncamento do pensamento económico e social, da economia e da ética está o desenvolvimento como esperança, entendida a ciência económica no sentido etimológico de "arrumar a casa". Assim, a economia projecta o bem comum europeu e global e através do princípio da proximidade. Pela parte que nos toca, "os portugueses, entre outras características de persistência e trabalho, sempre tiveram a capacidade, que a bula papal reconheceu, de usar a independência política em defesa do bem comum." como meu pai escreveu numa

comunicação à Academia das Ciências, publicada em *Portugal um Estado de Direito com Oitocentos Anos Bula Manifestis probatum de 23 de Maio de 1179*.

As três razões da aceitação imediata surgem reforçadas ao ler um livro onde as circunstâncias pessoais e profissionais do autor se entrelaçam com a sua erudição religiosa e a sua sensibilidade visual e auditiva num *patchwork* suave e sedutor. Depois de invocar as leis da física e da biologia, diz no capítulo 6 como *viver a boa nova "aqui e agora" na tradição católica*. E aí discorre sobre a homofobia e os divorciados, terminando com a questão do *crucifixo nas escolas* onde se louva num especialista em direito constitucional que defende o pluralismo europeu nessa matéria. Permeia o livro um apelo à *educação cívica, ética e deontológica* escorado numa comunicação á Academia das Ciências "que, porventura, será aconselhável agora ler ou reler".

Não se pode excluir o "arrumar a casa" etimológico desta pedagogia, que importa contudo explicitar. Até porque, mau grado referências incidentais à propriedade, à troca e à globalização, o texto faz economia da economia. Vale citar o parágrafo 48 da *Centesimus Annus*:

"A actividade económica, em particular a da economia de mercado, não se pode realizar num vazio institucional, jurídico e político. Pelo contrário, supõe segurança no referente às garantias da liberdade individual e da propriedade, além de uma moeda estável e serviços públicos eficientes".

Mais. João Paulo II aproveitou o centenário da *Rerum Novarum* para dar à doutrina social da Igreja uma "dimensão prática e em certo sentido experimental". Para usar o título das actas do colóquio do Vaticano de 5 de Novembro de 1990, publicadas por Ignazio Musu e Stefano Zamagni, tratava-se de salientar os *Aspectos Sociais e Éticos da Economia*. No último texto que meu pai ainda leu e criticou, *Bem Comum dos Portugueses*, escorei o bom governo no respeito das liberdades futuras (política certamente mas também financeira) e nas pertenças presentes (europeia certamente mas também lusófona). O nosso jeito histórico "de usar a independência política em defesa do bem comum", para voltar à *Manifestis probatum* é agora partilhado na Comunidade de Países de Língua Portuguesa, institucionalizada em 1996.

O melhor exemplo que conheço de multilateralismo baseado nas pertenças comuns é a declaração sobre os Objectivos de Desenvolvimento do Milénio, apresentada em 2006 na cimeira lusófona de Bissau. Esta declaração menciona explicitamente o

«conhecimento mútuo» como uma alavanca, juntamente com a vontade política e a influência financeira. Aumentar o conhecimento mútuo entre oito países muito diferentes que partilham uma história e língua comuns pode superar o “pensamento tribal”, a que o nosso confrade Paul Krugman prefere chamar «amplificação incestuosa» (*Nova School of Business and Economics Working Paper* nº 566, Julho de 2012).

Perceber como “pensamento tribal” ou de grupo interage com a globalização é aliás o objectivo do projecto conjunto das duas classes da Academia acerca da crise global (dito da *carta à rainha lusófona*) no qual também participam o Instituto de Investigação Científica Tropical e a minha Faculdade, através de protocolo com o Instituto de Altos Estudos firmado em 2008.

Resulta da reflexão havida que o pensamento de grupo pode ter prevalecido tanto em instituições financeiras complexas, como nos seus supervisores. Quando os epígonos da globalização esquecem o bem comum global, a evolução não pode fazer a economia da fé!

Praia das Maçons, 21 de Setembro de 2002

Jorge Braga de Macedo